

# As grandes obras. US\$ 31 bilhões a serviço do Brasil

Quando no próximo dia 28 o presidente João Figueiredo acionar a primeira máquina de mineração do Projeto de Ferro do Programa Grande Carajás estará inaugurando a maior obra inteiramente idealizada e executada dentro de seu governo. Mas, o presidente também pode se orgulhar de ter inaugurado obras de grande porte iniciadas nos governos anteriores e que vieram alterar toda a economia nacional. As obras ti veram investimentos superiores a 31,11 bilhões de dólares.

O Programa Grande Carajás começou praticamente em 24 de novembro de 1980, quando o presidente Figueiredo assinou o Decreto-Lei 1.813, concedendo regime especial para os incentivos aos empreendimentos integrantes do Programa, que está localizado na Serra de Carajás, e tem um raio de 60 quilômetros de extensão. O valor orçado do projeto, entregue à Companhia Vale do Rio Doce, foi de US\$ 4,2 bilhões.

O local onde está situado o projeto, tem importantes jazidas de minérios, com destaque para o minério de ferro, com 18 bilhões de toneladas; manganês, 60 milhões; cobre, 1,2 bilhão; níquel, 47 milhões; bauxita, 40 milhões; cassiterita, 37 mil toneladas; e ouro em quantidade. Os projetos mais importantes é o de minério de ferro, que recebeu atenção especial do governo.

Apesar do custo, o projeto vai trazer grandes benefícios para o País, pois a partir de 1986, a CVRD já deverá exportar cerca de 6 milhões de toneladas/ano de minério de ferro, e em 87 esse total deverá subir para 10 milhões de toneladas. A CVRD já vendeu, antecipadamente, aproximadamente 25 milhões de toneladas do produto. E este ano, com a inauguração da Ferrovia Grande Carajás, a CVRD pretende transportar 15 milhões de toneladas. Somente a reserva de ferro pode garantir a exploração durante os próximos 514 anos. Para se ter uma idéia da grande importância do minério de Carajás, basta citar que o teor do produto é de 66% de ferro, o que dispensa quaisquer operações de concentração, obtendo-se um produto a baixo custo e enquadrado nas características técnicas mais requisitadas do mercado internacional.

Na verdade, o Programa Grande Carajás, pertence a um complexo projeto integrado, que visa o aproveitamento econômico dos recursos naturais da Amazônia Oriental. A região tem condições excepcionais de se transformar em importante núcleo impulsor do desenvolvimento econômico e social do País em decorrência dos recursos mineiros abundantes. Foram também desenvolvidos projetos de atividades agropecuárias e florestais. Os aspectos essenciais da região levaram o governo a implantar projetos minero-metalúrgicos de ferro e alumínio, assim como de implantação de uma infraestrutura de energia, com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, e de transportes. Foram criados os portos de Vila do Con-

de, da Ponte da Madeira, de Itaquí, e a Ferrovia Carajás-Ponta da Madeira. Esses, na verdade, foram os fatores decisivos para o presidente Figueiredo criar o Projeto Carajás.

Para implantar o projeto, o governo aplicou cerca de US\$ 4,2 bilhões, sendo US\$ 2,56 bilhões da capital nacional e US\$ 1,44 bilhão de capital estrangeiro. A mina vai produzir 35 milhões de toneladas de minério por ano. Para viabilizar o transporte, foi construída a ferrovia de 890 quilômetros de extensão, com bitola de 1,60 metros. O comboio tem 160 vagões de 13.670 toneladas de minério, que roçarão a uma velocidade de 65 quilômetros por hora.

Os projetos básicos do complexo, além da usina de Tucuruí, são as usinas de alumínio Albrás e Alunorte, que foram criadas para explorar as jazidas de bauxita da bacia do Rio Trombetasbetas, no Pará. Para implantar a Albrás foi necessário gastar US\$ 1,4 bilhão, enquanto para a Alunorte os investimentos ultrapassaram US\$ 714 milhões. O capital nacional entrou com US\$ 1.157 bilhão, e o capital externo com US\$ 947,3 milhões, sendo US\$ 664,3 milhões de empréstimos e US\$ 283 milhões em capital de risco.

A Albrás entra em operação neste ano com uma capacidade de 80 mil toneladas por ano, mas quando estiver em pleno funcionamento a produção anual será de 320 mil toneladas. A Alunorte tem uma produção total estimada em 880 mil toneladas, e deverá

Carajás abre as portas do futuro para a Amazônia Oriental

entrar em funcionamento em 1989. A primeira produzirá alumínio e a segunda alumina.

Outro projeto importante e que nasceu também para receber minério da Carajás, foi o Consórcio de Alumínio do Maranhão, Alumar, que congrega a Alcoa, a Biliton e a Camargó Corrêa. Para implantar esse projeto foi necessário investimento de US\$ 1,3 bilhão, com US\$ 280 milhões de capital nacional e US\$ 1.105 bilhão de capital externo, sendo US\$ 855,1 milhões de empréstimos e US\$ 249,9 milhões de risco. A usina terá condições de produzir anualmente 500 mil toneladas de alumina e 200 mil toneladas de alumínio.

Além disso, há também o projeto de silício metálico, cujos investimentos foram superiores a US\$ 100 milhões, o projeto ferro-gusa, com US\$ 4 milhões, e as exportações anuais de US\$ 5 milhões; cimento Araguaia, fábrica de sabonete, destilaria de etanol, projeto industrial, agropecuário, agro-pastoril, de cimento etc.

Com a implantação do Projeto Carajás, a população dos estados

beneficiados cresceu a taxas excepcionais. Enquanto a população brasileira tem um crescimento de 2,4% ao ano, o Pará cresceu 4,67%, enquanto o Maranhão teve uma elevação populacional de 2,93%, com a sua capital atingindo o recorde de 5,4%. Na área serão investidos Cr\$ 16 trilhões a valores de março de 84, sendo Cr\$ 11 trilhões no Pará e Cr\$ 5 trilhões no Maranhão. Foram internalizados na região cerca de Cr\$ 9,6 trilhões.

Além de gerar 40 mil empregos diretos, o Projeto Carajás trará outros grandes benefícios aos cofres públicos estaduais. Para o Pará já houve uma arrecadação de tributos no valor de Cr\$ 284 milhões, enquanto no Maranhão essa cifra ultrapassa os Cr\$ 330 milhões.

Outro projeto de grande envergadura é o de Açominas, uma usina que consumiu US\$ 4,6 bilhões, sendo que US\$ 3,9 bilhões foram aplicados no atual governo. A usina será inaugurada no próximo dia 27 pelo presidente João Figueiredo, e terá capacidade de produção de 2 milhões de toneladas de aço/ano. A usina vai concretizar um sonho do Brasil, que era de construir duas grandes siderúrgicas no País.

O empreendimento, como era previsto, já está se transformando em novo núcleo de um pólo de desenvolvimento industrial no triângulo Rio-Belo Horizonte-São Paulo. A empresa foi planejada para ser um pólo de desenvolvimento também social, e elevou a população da histórica cidade de Ouro Branco de 4 para 16 mil habitantes. A primeira etapa compreenderá as laminações de blocos e placas e de tarugos. A 2ª etapa compreende as unidades metalúrgicas. Ela estará em pleno funcionamento em 1988.

O governo realizou várias obras de apoio à usina. Foi construído um conjunto habitacional de 3.623 residências, sendo que 3.289 já estão ocupadas. Estão em final de implantação as escolas de primeiro e segundo graus com capacidade para 6.740 alunos, e o hospital com 202 leitos, hotel para 200 hóspedes, praça de esportes, além de 65 quilômetros de vias estruturais. Quando concluída a segunda fase da usina, Ouro Branco deverá ter 18 mil habitantes.

A usina foi projetada para produzir 4 milhões de toneladas de aço por ano, e dos US\$ 4,9 bilhões, parte foi gasta no mercado interno. A empresa destinou Cr\$ 4 trilhões e 423 bilhões Para as compras no País de equipamentos, beneficiando fábricas, indústria siderúrgica, a construção civil, empresas de engenharia civil, de terraplenagem e montagem. A usina deve investir ainda Cr\$ 991 bilhões até o término total das obras.

A indústria nacional de equipamentos ganhou Cr\$ 1.595 trilhão, com o fornecimento de 340 mil toneladas de aço. A engenharia nacional ficou com uma fatia de Cr\$ 231 bilhões, e somente a mão-de-obra da construção civil equivale a 155 milhões de homens/hora. A indústria brasileira ainda vai ga-

nhar Cr\$ 367 bilhões, até o final das obras. A engenharia nacional vai faturar ainda Cr\$ 13 bilhões.

Muitos são os benefícios da Açominas. Além da vencer os desafios a que o país se propôs quando iniciou a construção da usina, com a utilização da engenharia nacional, não vai prejudicar o meio ambiente, assim como vai suprir o mercado de um produto altamente carente no País.

A empresa vai empregar inicialmente 4 mil homeus e em outubro próximo esse total passará para 16 mil trabalhadores. Por outro lado, cerca de 80 mil empregos indiretos serão gerados, nos setores de mineração, de ferro-ligas, de refratários, de equipamentos e de engenharia.

Hidrelétricas garantem energia para manter o desenvolvimento

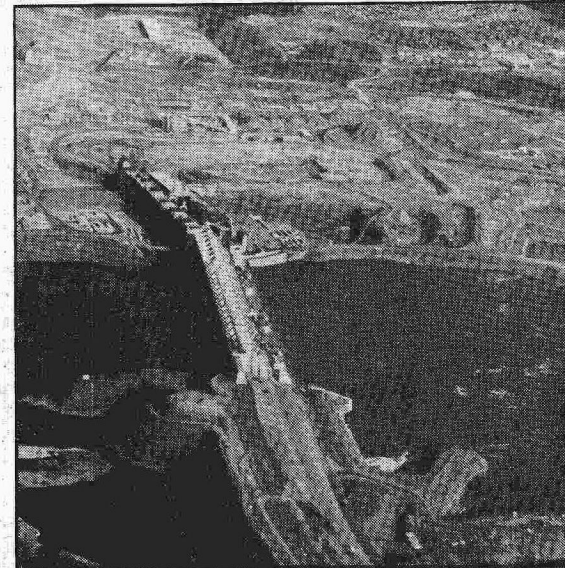
A fase a ser inaugurada terá uma capacidade de 550 mil toneladas de tarugos por ano, e em outubro esse total passará para 1,750 milhão. A produção inicial será para atender o mercado interno, notadamente a Siderúrgica Mendes Júnior, da qual o governo é acionista minoritário. A partir de julho deste ano a empresa vai exportar 120 mil toneladas de tarugos, a preços de mercado. Os efeitos benéficos dos impostos vão atingir os 722 municípios mineiros, em graus variados.

A usina está sendo construída com engenharia básica e gerenciamento nacionais tendo um índice de nacionalização de 60%. Ela está localizada a 100 quilômetros de Belo Horizonte, no ponto de convergência das estradas que compõem o sistema rodoferroviário brasileiro.

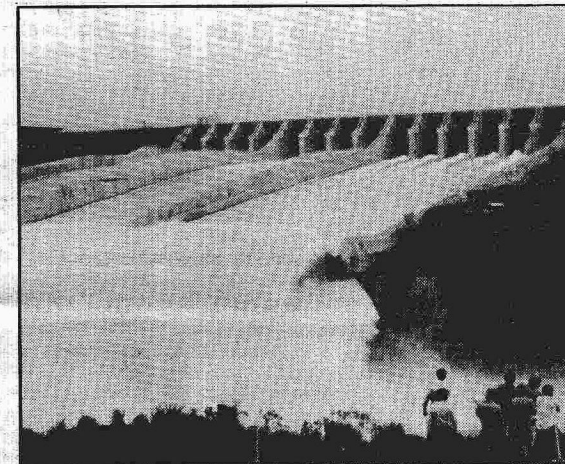
Na área de energia elétrica o governo do presidente João Figueiredo continuou os investimentos iniciados pelo governo anterior. Somente nas duas maiores hidrelétricas do País a Itaipu Binacional e a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, foram investidos cerca de 20 bilhões de dólares. Somente a usina de Itaipu consumiu mais de US\$ 15 bilhões, e foi inaugurada no último dia 24 de outubro.

A obra de Itaipu, aliança entre o Brasil e o Paraguai, levou mais de nove anos para ser construída, e embora tenha sido inaugurada com dois anos de atraso, o país já começou a receber os seus benefícios. A usina produzirá cerca de 12,6 milhões de kilowatts, que permitirão fornecer 37% do consumo da grande região sob sua influência, na qual se encontram os maiores consumidores nacionais de energia. As duas turbinas inauguradas em outubro começaram a entrar no circuito comercial no mês passado.

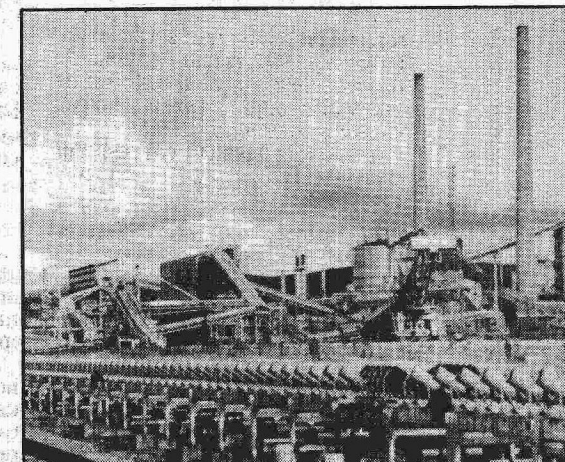
A energia de Itaipu já está sendo vital para o consumo da Re-



Com Tucuruí, energia para o Norte



Itaipu já está atendendo o Sudeste



Açominas: novo pólo de desenvolvimento



BR-364, asfaltada, integra a Amazônia

gião Sudeste. A demanda de energia já vem há algum tempo superando as estimativas oficiais, e no ano passado ultrapassou as metas previstas, crescendo mais de 12%.

Quanto estiver operando com suas 18 turbinas, em 1990, Itaipu será responsável pelo atendimento de 42% da capacidade das regiões Sul e Sudeste. Até o final das obras, o governo deverá gastar, ainda, cerca de US\$ 3,150 bilhões, enquanto os encargos financeiros ficarão em torno de US\$ 2,5 bilhões.

A Hidrelétrica de Itaipu, de acordo com dados oficiais, não fará crescer o preço médio da tarifa de energia cobrada aos consumidores das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, de acordo com dados oficiais. Por outro lado, a usina vai garantir o fornecimento de energia elétrica por muitas décadas.

Outra usina que o governo se empenhou em construir, e somente do governo Figueiredo recebeu um vasto apoio, foi a Hidrelétrica de Tucuruí, que consumiu cerca de US\$ 4,6 bilhões. A usina foi inaugurada no último dia 22 de outubro. Nesta primeira fase, a hidrelétrica produzirá cerca de 4 milhões de kilowatts, e

Nos transportes, investimentos trazem conforto e integram o País

terá 12 turbinas, que serão instaladas até 1989. A sua capacidade total deverá ser de 8 milhões de kilowatts, o que a torna a terceira usina do mundo.

A usina de Tucuruí vai resolver de uma vez por todas os problemas de energia elétrica dos estados do Norte e do Nordeste, e, acima de tudo, vai liberar um pouco a usina de Sobradinho, na Bahia, permitindo que o rio São Francisco tenha mais condições de atender os Estados do Nordeste, notadamente na rea agrícola, nos projetos de irrigação.

O plano alternativo da Eletrobrás para as regiões Norte e Nordeste nos próximos 10 anos prevê a instalação de quatro turbinas da segunda fase de Tucuruí até dezembro de 1994 e a conclusão do reservatório de São Félix, em abril de 1993. Este plano deverá ainda, caso o crescimento do consumo se mantenha, concluir a usina de Itaparica.

A Hidrelétrica de Tucuruí é importante ainda para a província mineral de Carajás e seus projetos integrados. Apenas os projetos da Alumar e Albrás deverão consumir, juntos, 1.200 megawatts médios. De imediato, Tucuruí permitiu a desativação de todo o parque termoeletrico de Belém, de 255 megawatts, que será transferido para áreas deficientes de abastecimento de energia elétrica, com Manaus, Porto Ve-

lho, e Rio Branco.

Grças à usina de Tucuruí haverá uma geração de 60 mil novos empregos, podendo atingir mais de 200 mil na área de mineração. Mais de um milhão de pessoas serão beneficiadas além de indiretamente beneficiar os 7 milhões de habitantes da região, onde a população economicamente ativa é de 2,3 milhões de pessoas.

Outro setor em que o governo Figueiredo deu bastante ênfase foi o de aviação. Além de fazer melhoramentos em muitos aeroportos, construiu o Aeroporto de Cumbica, em São Paulo, que foi inaugurado no último dia 20 de janeiro. O aeroporto foi construído dentro das mais modernas técnicas do mundo, e vai atender mais de 30 milhões de pessoas por ano. Para concluir essa primeira etapa o governo gastou US\$ 500 milhões.

Cumbica tem duas pistas de pouso e decolagem, com sistema de controle "Instrumental Landing System", que permite a orientação de um avião por instrumento, voando a até 30 metros de altura e a 400 metros da cabeceira da pista. Esse sistema permite operação em 98% do tempo. O governo federal teve uma participação de 90% nos investimentos realizados até o momento. As obras começaram em 1979.

No plano rodoviário, o governo realizou grandes obras, mas foi a conclusão da BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, que teve maior repercussão para o atual governo. A obra permitiu interligar o Sul do País com o Norte. A Rodovia Marechal Rondon, tem uma extensão de 1.442 quilômetros e para o seu asfaltamento o governo Figueiredo gastou mais de US\$ 360 milhões.

O governo considera a rodovia tão importante que já iniciou os contatos para estendê-la até o Rio Branco, no Acre. São mais 505 quilômetros, que deverão estar concluídos até 1987, uma vez que já contam com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O banco aprovou um empréstimo de US\$ 58,5 milhões, correspondente a 40% do valor que é preciso para terminar a obra, orçada em US\$ 146,5 milhões.

A importância da estrada está no fato de suportar um projeto de desenvolvimento integrado do Centro-Oeste, que envolve a produção agrícola, pecuária, madeireira e indústria extrativa, além de levar benefícios sociais às populações da região.

Atualmente, o tráfego da BR-364, como comumente é chamada, é mais de 500 veículos por dia por toda sua extensão, e em alguns trechos esses números chegam a 1 mil. Em 15 anos, segundo as estimativas oficiais, o fluxo será de 15 mil veículos. Por ela rodará caminhões de carga, que transportam basicamente borracha, cassiterita, cacau, café, arroz e madeira. Também foi responsável pelo abastecimento na região de material de construção, roupa, comida, bebida, cigarro, material hospitalar, eletrodomésticos e equipamentos agrícolas.